

Feiras universitárias no Brasil: uma revisão de literatura
University farmers' markets in Brazil: a review of the literature

Gabriela Bertoldo Silva Ignacio

Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Diamantina, MG,
Brasil

Ezequiel Redin

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, RS, Brasil

**GT10. Abastecimento, segurança alimentar e nutricional e dinâmicas de
consumo**

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão de literatura sobre feiras livres e feiras universitárias no Brasil, destacando seu papel nos circuitos curtos de comercialização e no fortalecimento da agricultura familiar. A análise de publicações entre 2010 e 2025 evidencia sua relevância para o abastecimento alimentar, a segurança alimentar e a sociabilidade territorial. No contexto universitário, essas feiras atuam como instrumentos de extensão que articulam produção, consumo e difusão de conhecimentos agroecológicos. Conclui-se que constituem espaços estratégicos para a construção de sistemas alimentares locais mais sustentáveis e inclusivos.

Palavras-chave: circuitos curtos de consumo, projetos de extensão, universidades federais, feiras de alimentos

Abstract: This article presents a literature review on farmers' markets and university-based farmers' markets in Brazil, highlighting their role in short food supply chains and the strengthening of family farming. The analysis of publications from 2010 to 2025 shows their relevance for food supply, food security, and territorial sociability. In the university context, these markets function as extension initiatives that connect production, consumption, and agroecological knowledge exchange. They are strategic spaces for building more sustainable and inclusive local food systems.

Keywords: short food supply chains, university extension projects; federal universities; farmers' markets

1. Introdução

Os mercados alimentares ampliam o acesso a alimentos e contribuem para a segurança alimentar de populações urbanas e rurais. Resultam de processos socioculturais vinculados à ocupação do território brasileiro, envolvendo atores sociais, práticas de comercialização e consumo e relações econômicas entre feirantes e consumidores, características de cada região (Menezes, 2021).

Os circuitos curtos de consumo constituem uma estratégia de aproximação entre produtores rurais e consumidores urbanos, reduzindo intermediários, custos de transporte e favorecendo preços mais justos para ambos (Marsden *et al.*, 2000). Nesse contexto, a feira livre pode ser compreendida como uma manifestação cultural transmitida entre gerações e dotada de conteúdo simbólico na configuração urbana (Porto, 2015), além de expressar, em

escala local, a organização da produção e circulação de mercadorias e sua dimensão territorial ampliada, ao influenciar a economia local e regional, o abastecimento alimentar e as estratégias de agricultores familiares envolvidos em seu funcionamento (Ibdaiwi *et al.*, 2023; Cruz; Schneider, 2022).

Contemporaneamente, esse tema tem sido revisitado em razão da reconstrução das relações entre urbano e rural, do avanço da conscientização sobre o desenvolvimento sustentável, do crescimento da demanda por alimentos orgânicos e do fortalecimento da agricultura familiar (Padilha *et al.*, 2021). Em regiões periféricas, como o Vale do Jequitinhonha e o Cariri, os circuitos locais de abastecimento apresentam menor escala econômica e alcance espacial reduzido; nesse contexto, o isolamento favorece práticas como o escambo, fortalecendo vínculos entre alimentação, tradições regionais e vida comunitária e contribuindo para a segurança alimentar, a valorização de produtos do território (Cruz; Schneider, 2022).

Porto (2015) analisa a feira como um espaço de comunhão e memória, no qual práticas como a pechincha ultrapassam a dimensão econômica e reforçam vínculos de solidariedade, convivência e pertencimento. Em contraste com os “não-lugares” da sociedade contemporânea, feiras, praças e igrejas favorecem encontros entre diferentes grupos e ampliam experiências de sociabilidade urbana. Nessa perspectiva, Sato (2007) define a feira como um território lúdico inserido na malha urbana, onde a convivência entre normas de civilidade e práticas informais produz uma dinâmica própria que excede sua função de abastecimento.

As universidades federais brasileiras organizam feiras em seus campi com o objetivo de aproximar a universidade dos agricultores familiares e consolidar circuitos curtos de comercialização em espaços educativos de base agroecológica orientados pela economia solidária e popular (Beraldo *et al.*, 2018; Guedes *et al.*, 2024). Entre seus principais benefícios destacam-se o caráter socioeducativo, o fortalecimento da agricultura familiar local, a promoção de laços sociais e a ampliação do acesso a alimentos saudáveis, com efeitos positivos também sobre inclusão familiar e saúde mental (Soares; Silva, 2022; Specht *et al.*, 2019; Costa *et al.*, 2018).

Este trabalho realiza uma revisão da literatura publicada, com o objetivo de identificar os principais enfoques da produção científica sobre feiras livres, feiras universitárias, circuitos curtos de comercialização e agricultura familiar. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, orientada à organização crítica da literatura e à identificação

de efeitos sociais, econômicos e políticos desses arranjos. Os resultados estão organizados em três seções: (i) economia e agricultura familiar; (ii) segurança dos alimentos; (iii) extensão universitária e integração entre ensino, pesquisa e extensão.

2. Revisão da literatura

2.1 Feiras livres: trajetória histórica, relevância social e segurança alimentar

As feiras livres têm grande relevância social por promoverem a comercialização de alimentos da agricultura familiar, frequentemente produzidos sem agrotóxicos (Carvalho *et al.*, 2022). Historicamente vinculadas à circulação de excedentes e à convivência urbana, essas feiras perderam centralidade na contemporaneidade com a expansão dos supermercados, impulsionada pelo avanço do capitalismo e da urbanização (Porto, 2015).

Segundo Hobsbawm (2012), o desenvolvimento das feiras na Europa relaciona-se à expansão do capitalismo e à formação das cidades; com a Revolução Industrial, o cercamento de terras e o avanço das manufaturas reorganizaram a agricultura e ampliaram a população urbana, intensificando a necessidade de abastecimento e a oferta de trabalhadores para a indústria. No Brasil, o modelo de feira tem origem europeia associada à colonização portuguesa, mas adquiriu características próprias da miscigenação cultural, incorporando contribuições africanas, indígenas e orientais na comercialização de alimentos e produtos locais (Domingues, 2021).

As feiras passaram também a ser utilizadas como instrumentos de políticas públicas por sua capacidade de ampliar a renda e fortalecer a segurança alimentar. No Rio Grande do Sul, em 1925, a criação da primeira feira livre do estado contribuiu para o aumento da renda dos produtores e o acesso a alimentos (Ibdaiwi *et al.*, 2023). No Nordeste, Domingues (2021), com base em registros de Luiz de Castro Faria, descreve as feiras da Bahia como espaços de sociabilidade, cultura e comercialização, frequentados de forma distinta por feirantes e trabalhadores, que as utilizavam como locais de convivência, e por classes médias, voltadas principalmente às compras.

Contudo, apesar da relevância, as políticas públicas voltadas às feiras são escassas e fragmentadas, geralmente de âmbito municipal, o que evidencia a necessidade de uma política nacional que reconheça seu papel na soberania e na segurança alimentar, assegure direitos aos feirantes e fortaleça as cadeias produtivas locais (Araujo; Ribeiro, 2018). As feiras

estabelecem vínculos de solidariedade entre consumidores e vendedores, articulando cooperação, socialização de saberes e aproximação entre campo e cidade, o que as torna estratégicas para a formulação de políticas públicas orientadas ao desenvolvimento socioeconômico, à diversidade cultural e à justiça social (Carvalho *et al.*, 2022).

2.2 A transição para hipermercados e varejo

A partir dos anos 1950, o varejo brasileiro passou por mudanças estruturais: antes predominavam pequenos estabelecimentos familiares, como armazéns, mercearias, empórios e feiras livres, organizados em torno de relações de proximidade e abastecimento regional, enquanto o comércio de rua e os mercados municipais constituíam os principais espaços de compra nas grandes cidades (Sesso Filho, 2003). A industrialização da alimentação, iniciada nos anos 1930 e intensificada após 1960, transformou as práticas culinárias ao ampliar a oferta de produtos prontos para consumo e reduzir a socialização em torno da comida (Poulain, 2004).

Nesse contexto, a modernização agrícola associada à Revolução Verde e a concentração da comercialização em supermercados, orientadas por políticas estatais voltadas à redução dos custos da alimentação, consolidaram o modelo de autosserviço e centralizaram o abastecimento urbano (Júnior; Pinto; Leda, 2016; Menezes, 2021). A legislação trabalhista herdada do período Vargas, expressa na Consolidação das Leis do Trabalho (Brasil, 1943), também favoreceu a expansão das grandes redes varejistas, ampliada nas décadas de 1960 e 1970, enquanto a inauguração do primeiro supermercado do país, o Sirva-se, contribuiu para mudanças nos hábitos de consumo (Sesso Filho, 2003). Embora esse modelo tenha reduzido preços e ampliado o acesso a produtos industrializados, também diminuiu a diversidade de alimentos *in natura* e o comércio local (Cruz; Schneider, 2022).

Na década de 1980, o êxodo rural intensificou esse processo ao enfraquecer vínculos com a terra, embora as feiras tenham permanecido como uma das poucas práticas de origem rural no espaço urbano (Camarano; Abramovay, 1999; Ibdaiwi *et al.*, 2023). Porto (2015) observa que a predominância das feiras aos sábados reflete tanto a organização do tempo laboral quanto seu valor social como espaços de convivência, cuja permanência se explica menos por vantagens econômicas e mais por sua relevância cultural e simbólica.

Defendia-se que a redução dos preços dos alimentos dependia da criação de espaços de comercialização capazes de integrar produtores e atacadistas e reduzir custos logísticos e de

transação, lógica que sustentou a consolidação do autosserviço como principal destino de consumo das famílias e transformou as práticas de compra e o abastecimento urbano (Júnior; Pinto; Leda, 2016).

Contudo, apesar da redução de sua relevância comercial frente ao grande varejo, as feiras permanecem vivas no imaginário da sociedade brasileira. Nesse contexto, grandes redes varejistas reproduzem a estética e, em alguns casos, o atendimento personalizado das feiras livres como estratégia para atrair consumidores dos estratos médios e altos (Sato, 2007).

3. Metodologia

Esse artigo é uma revisão de literatura sobre a produção científica de feiras livres e feiras universitárias de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. O objetivo é identificar padrões nos estudos sobre as feiras como espaços de fortalecimento da agricultura familiar e de promoção da soberania e segurança alimentar.

Para localizar os artigos utilizou-se das bases SciELO, Redalyc, CAPES Periódicos e Google Scholar, além de repositórios de universidades brasileiras. Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves: "feiras livres", "feiras universitárias", "circuitos curtos", "mercados locais", "abastecimento alimentar" e "criação de mercados". Incluíram-se artigos publicados entre 2010 e 2025, em português, espanhol ou inglês. Foram excluídas dissertações e teses sobre o assunto.

Para mapear os eixos temáticos, utilizou-se uma planilha com as seguintes categorias: autor/ano, título, tipo de feira ou arranjo estudado, local (UF ou país), objetivo do estudo, principais resultados, palavras-chave e categorias. Os resultados estão organizados em três seções: (i) economia e agricultura familiar; (ii) segurança dos alimentos; (iii) extensão universitária e integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Foram selecionadas 50 publicações, que foram utilizadas para o mapeamento geral da produção. Das 50 publicações 38 foram selecionadas para análise, as demais foram excluídas por não tratarem de feira de alimentos e serem anteriores a 2010. O artigo está dividido em três subtópicos: economia e agricultura familiar, segurança dos alimentos e aspectos higiênico-sanitários e extensão e feiras universitárias. Nos dois primeiros subtópicos, realizou-se uma leitura dirigida dos objetivos e resultados. Posteriormente, no terceiro subtópico foi feita uma análise aprofundada do eixo feiras universitárias em que 12 artigos foram selecionados para leitura integral.

4. Análise de resultados

Nos 50 artigos analisados, observa-se aumento gradual das publicações entre 2018 e 2022, com crescimento mais expressivo durante a pandemia de COVID-19 e nos anos seguintes. Esse aumento acompanha a expansão geral da produção científica no período, favorecida também pela suspensão das atividades presenciais nas universidades (Maciel; Rapini, 2022). Após o aumento houve uma estabilização após 2024, se aproximando dos patamares anteriores a 2020.

Os resultados indicam três tendências no interesse acadêmico sobre as feiras livres após 2020: (1) sua centralidade no abastecimento alimentar e na Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) durante a pandemia; (2) a reconfiguração dos Circuitos Curtos de Consumo (CCC), com estratégias como *delivery* de cestas; e (3) sua análise como infraestruturas sociais estratégicas para o abastecimento e a sustentabilidade territorial, com aumento temporário das publicações no período pandêmico.

Conforme descrito na metodologia, os eixos analíticos foram reorganizados em três categorias principais: economia e agricultura familiar; segurança dos alimentos; e extensão universitária. Posteriormente categorizou-se e realizou-se uma contagem do número de artigos por eixo.

Quadro 1 - Eixo temático por número de artigos sobre feiras

Eixo temático	Número de artigos
Econômico / Agricultura familiar	26
Saúde / Sanitário	10
Sociocultural / Histórico	12

Fonte: Elaborado pela autora.

A distribuição de artigos no Quadro 1 sugere que a literatura sobre feiras livres tem priorizado sua função como canal de comercialização da agricultura familiar e espaço de abastecimento alimentar (26 artigos), evidenciando seu papel na geração de renda e nos circuitos curtos de comercialização. O segundo eixo mais frequente, sociocultural/histórico (12), revela que as feiras também são analisadas como espaços de sociabilidade, identidade territorial e memória coletiva, reforçando sua relevância para além da dimensão econômica. Já o menor número de estudos no eixo saúde/sanitário (10) indica que, embora existam

preocupações com qualidade dos alimentos e condições higiênicas, essa abordagem ainda é menos central na produção científica, aparecendo com maior intensidade em contextos específicos, como o período da pandemia.

4.1 Economia e agricultura familiar

Os objetivos e resultados das publicações vinculadas ao eixo de economia e agricultura familiar revelam análises sobre a função econômica e de abastecimento, abrangendo a criação de mercados, a inclusão de produtores e o comportamento do consumidor. Quanto às dimensões social, cultural e identitária, os artigos tratam sobre os aspectos de resistência, identidade e cultura.

Quadro 2 - Síntese temática da literatura sobre feiras livres e circuitos curtos de comercialização

Eixo temático	Foco dos estudos	Principais achados
História, territorialidade e cultura alimentar	Formação histórica, identidades e práticas culturais	Feiras estruturam identidades territoriais, preservam tradições alimentares e expressam processos de memória, sociabilidade e resistência
Agricultura familiar e circuitos curtos de comercialização	Comercialização direta e autonomia produtiva	Fortalecem renda, reduzem intermediação, ampliam autonomia dos agricultores e valorizam sistemas alimentares locais
Abastecimento urbano e segurança alimentar	Acesso a alimentos e autoconsumo	Contribuem para o abastecimento local, ampliam o acesso a alimentos frescos e fortalecem a segurança alimentar e nutricional
Sociabilidades, consumo e relações de confiança	Interações sociais e comportamento do consumidor	Relações de proximidade, reciprocidade e confiança influenciam escolhas alimentares e consolidam vínculos entre produtores e consumidores
Políticas públicas, extensão universitária e desenvolvimento local	Gestão urbana, cooperação institucional e inclusão socioprodutiva	Feiras atuam como arranjos socioprodutivos que promovem inclusão social, economia solidária, capacitação técnica e dinamização territorial

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com base nos artigos analisados, as feiras permanecem sendo canais essenciais de comercialização direta, especialmente para a agricultura familiar (Carvalho; Grossi, 2019; Costa, 2025; Cruz *et.al.*, 2022). Elas movimentam a economia local, gerando renda e sustentando pequenos produtores (Coelho *et al.*, 2025). Nota-se, ainda, uma desigualdade territorial e socioeconômica no acesso a esses espaços, visto que bairros com maior poder aquisitivo costumam usufruir de mais facilidade de acesso logístico (Borges *et al.*, 2025; Grilo, 2022). As feiras são estratégicas para o abastecimento alimentar, mas demandam políticas públicas que ampliem o acesso e reduzam a desigualdade espacial.

Muitos artigos abordam as feiras como um espaço alternativo ao modelo de produção e distribuição do agronegócio, fortalecendo circuitos curtos de comercialização, o autoconsumo e a segurança alimentar e nutricional (SAN) (Pozzebon *et al.*, 2017; Silva *et al.*, 2017). Experiências agroecológicas e orgânicas, embora socialmente relevantes, ainda enfrentam barreiras relacionadas a preço e localização (Carvalho *et al.*, 2022). Os resultados demonstram inovações contínuas em circuitos curtos (Darolt *et al.*, 2013), com novos arranjos como cestas, lojas virtuais e feiras noturnas.

A feira também é descrita como um espaço em que trabalho, cultura e sociabilidade se combinam para além da venda de mercadorias. Diversos estudos enfatizam esses espaços como campos de memória e identidade cultural (Menezes, 2021; Grimm, Sampaio, Procopick, 2018; Nora; Zanini, 2015; Vedana, 2013). São locais de interação, reciprocidade e resistência, nos quais o ato de "fazer a feira" constrói o próprio sujeito feirante e reafirma pertencimentos territoriais (Morais; Araújo, 2006; Menezes; Almeida, 2021). O consumo e o comércio de produtos identitários, a exemplo da pamonha (Menezes; Almeida, 2021), reforçam esses laços culturais e territoriais.

4.2 Segurança dos alimentos e aspectos higiênico-sanitários

Outro eixo detectado nos artigos analisados refere-se à higiene das barracas, abrangendo a presença de parasitas e bactérias, a percepção de risco por parte dos consumidores e a necessidade de capacitação e fiscalização. A análise dessas publicações mostrou cinco eixos temáticos recorrentes que organizam-se em torno das condições higiênico-sanitárias, dos riscos à saúde pública e da percepção social articulada à educação sanitária no ambiente das feiras.

Quadro 3 - Objetivos e resultados de artigos sobre saúde e saneamento

Eixo temático	Foco dos estudos	Principais resultados
Condições higiênico-sanitárias	Estrutura das feiras e práticas de manipulação	Predominam condições sanitárias inadequadas, uso irregular de EPIs e descumprimento de normas, indicando necessidade de fiscalização e capacitação
Qualidade microbiológica dos alimentos	Contaminação em hortaliças, leite e carnes	Identificação de parasitas em hortaliças e coliformes no leite cru; ausência de <i>Toxoplasma gondii</i> em carnes salgadas
Percepção de risco dos consumidores	Avaliação da higiene e segurança dos alimentos	Consumidores relatam condições regulares ou ruins e demonstram baixo conhecimento sobre riscos sanitários
Comercialização irregular de animais	Venda ilegal de aves	Atividade funciona como renda complementar, mas demanda controle para proteção da fauna
Feiras em contexto de pandemia	Estratégias sanitárias e biossegurança	Adaptações como uso de máscaras e álcool gel coexistem com baixa percepção de risco e infraestrutura sanitária limitada

Fonte: Elaborado pelos autores.

A maioria dos estudos aponta problemas de higiene e biossegurança nas feiras, tanto na manipulação de alimentos (Beiró; Silva, 2009; Silveira; Bertagnolli., 2014; Guimarães; Nascimento; Gomes, 2018) quanto na estrutura física (Lira Neto *et al.*, 2024; Hellebrandt, 2021). Produtos como leite cru, carnes e hortaliças apresentaram contaminação por microrganismos e parasitas, o que demonstra um risco direto ao consumidor. A exemplo da investigação sobre *Toxoplasma gondii* (Barreto *et al.*, 2024), cujos resultados foram positivos para a inativação do parasito, mas a preocupação central reside no controle sanitário insuficiente e na necessidade de políticas públicas e fiscalização. Embora sejam espaços essenciais, as feiras livres carecem de infraestrutura adequada e de capacitação dos feirantes para garantir a segurança alimentar.

Apesar das deficiências sanitárias, as feiras seguem sendo espaços importantes de sociabilidade e geração de renda, especialmente em contextos de crise, como ocorreu durante a pandemia, ou em cidades de pequeno porte (Hellebrandt, 2021; Silveira; Bertagnolli., 2014; Barreto *et al.*, 2024; Lira Neto *et al.*, 2024). Elas garantem renda complementar, acesso a alimentos frescos e manutenção de laços comunitários. Mesmo sob condições precárias, feirantes e consumidores demonstram valorizar a continuidade desses espaços como parte da economia popular (Rocha *et al.*, 2022). Assim, as feiras consolidam-se como locais de resistência e sustentabilidade econômica, sobretudo para agricultores familiares e populações de baixa renda (Silva *et al.*, 2018).

A percepção de risco entre feirantes e consumidores é considerada baixa, uma vez que muitos não reconhecem o potencial de contaminação de produtos como carne, leite e hortaliças (Beiró; Silva, 2009; Silveira; Bertagnolli., 2014; Guimarães; Nascimento; Gomes, 2018). Tal cenário revela fragilidades na educação sanitária e ambiental, reforçando a necessidade de ações educativas permanentes. A falta de consciência sanitária e de informação acessível dificulta a adoção de boas práticas de manipulação no cotidiano comercial.

Os estudos indicam que as feiras livres brasileiras cumprem um papel socioeconômico relevante, mas enfrentam sérios desafios estruturais. A baixa percepção de risco e a ausência de políticas de educação e fiscalização adequadas comprometem a segurança alimentar (Matos *et al.*, 2015; Guimarães; Nascimento; Gomes, 2018). Ainda assim, esses arranjos mantêm-se como espaços fundamentais de sustentabilidade, identidade cultural e fortalecimento da economia local (Lira Neto *et al.*, 2024).

4.3 A extensão universitária e as feiras: integração entre saberes, agroecologia e circuitos curtos

Nesta segunda etapa do estudo, foram analisados 12 artigos sobre a implementação de feiras em Instituições de Ensino Superior no Brasil, evidenciando o papel das universidades como promotoras de circuitos curtos de comercialização articulados ao tripé ensino, pesquisa e extensão.

Quadro 4 - Síntese dos resultados de estudos sobre IES como agentes de circuitos curtos de comercialização

Macroeixos	Eixo temático	Foco das iniciativas nas IES	Principais resultados
Economia e agricultura familiar	Fortalecimento da agricultura familiar	Comercialização direta e certificação participativa	Ampliação da renda, valorização da produção agroecológica e consolidação de circuitos curtos
	Sustentabilidade e consumo consciente	Produção e alimentação saudável	Incentivo ao consumo de alimentos sem agrotóxicos, uso eficiente de recursos naturais e melhoria da qualidade de vida
	Economia solidária e inclusão socioproductiva	Feiras como espaços de trabalho coletivo	Geração de renda, capacitação dos feirantes e fortalecimento de redes solidárias

Extensão universitária e transformação social	Extensão universitária e construção de saberes	Integração entre conhecimento científico e saberes populares	Aproximação entre agricultores, estudantes e consumidores e fortalecimento do papel social da universidade
	Integração universidade-comunidade	Espaços educativos e de sociabilidade	Ampliação do público das feiras, articulação ensino-pesquisa-extensão e fortalecimento das relações territoriais

Fonte: elaborado pela autora.

Os estudos organizam-se em dois macroeixos: (i) fortalecimento da agricultura familiar e consolidação de mercados agroecológicos e (ii) extensão universitária como espaço de articulação entre saberes, agricultores e comunidade.

Os produtos comercializados nas feiras universitárias são variados e majoritariamente agroecológicos, com destaque para hortifrutigranjeiros, grãos, mel, medicinais, mudas e preparações artesanais (Araújo *et al.*, 2020; Ramos, 2022). A participação dos agricultores depende de edital, origem própria da produção e acompanhamento técnico (Guedes *et al.*, 2024; Specht *et al.*, 2019), e o público é formado principalmente por estudantes, servidores e comunidade externa interessados em alimentos orgânicos ou agroecológicos (Guedes *et al.*, 2024).

Predominam consumidores com maior escolaridade e renda média, com elevada participação feminina, motivados pela busca por saúde, sustentabilidade e qualidade dos alimentos (Costa *et al.*, 2018; Xavier *et al.*, 2024; Padilha *et al.*, 2021). A valorização do frescor, da ausência de agrotóxicos e da confiança nos agricultores indica a inserção dessas feiras em nichos marcados pelo capital cultural acadêmico, nos quais certificação, apresentação e informação sobre a origem dos produtos tornam-se critérios relevantes, enquanto o preço ocupa posição secundária (Araújo *et al.*, 2020; Beraldo *et al.*, 2018; Guedes *et al.*, 2024; Costa *et al.*, 2018; Padilha *et al.*, 2021).

A divulgação ocorre de forma híbrida, com canais institucionais voltados ao público interno e mídias tradicionais e digitais ao público externo, especialmente redes sociais e WhatsApp (Costa *et al.*, 2018; Padilha *et al.*, 2021; Beraldo *et al.*, 2018). No caso do Quintal Solidário da UFV, estratégias ampliadas após a pandemia contribuíram para recuperar as vendas e o alcance nas redes sociais (Pimentel; Carvalho; Costa, 2024).

Entre as estratégias de fortalecimento destacam-se o mapeamento de lacunas em gestão financeira, criação de catálogos digitais, melhorias de infraestrutura e apoio

institucional (Soares; Silva, 2022; Guedes *et al.*, 2024). Também são relatadas ações como apoio ao transporte, reorganização dos espaços e uso de redes sociais para ampliar a visibilidade das feiras (Beraldo *et al.*, 2018). Na UFSM, a vinculação acadêmica favoreceu ainda a adoção de energia fotovoltaica e a transição do fumo para policulturas agroecológicas (Soares; Silva, 2022).

A feira funciona como espaço de mediação e diálogo, favorecendo a difusão do conhecimento e a afirmação dos valores agroecológicos, atuando como dispositivo de tradução entre conhecimento técnico e práticas produtivas locais (Xavier *et al.*, 2024).

Persistem desafios relacionados à assistência técnica contínua, controle de pragas e doenças, acesso a crédito, logística e transporte, além da necessidade de aprimorar a gestão financeira e reduzir desperdícios (Araújo, 2020; Soares; Silva, 2022; Guedes *et al.*, 2024). Ainda assim, o ambiente universitário é percebido como estratégico para ampliar a comercialização direta e a autonomia frente ao varejo tradicional (Guedes *et al.*, 2024).

Outro desafio refere-se à certificação orgânica. Ramos (2020) identifica resistências associadas ao possível aumento do preço final, dificuldades de acesso a insumos e à percepção de menor acessibilidade dos produtos certificados. Ainda assim, as feiras incentivam a transição agroecológica como parte de sua dimensão formativa e extensionista.

A realização das feiras no ambiente universitário amplia o contato do público jovem com mercados locais e favorece a formação de futuros consumidores desse modelo de comercialização (Specht *et al.*, 2019), além de possibilitar apoio técnico por meio de projetos de extensão e estudantes das ciências agrárias (Araújo *et al.*, 2020).

É observável uma tensão na forma como as feiras universitárias são caracterizadas na literatura. Por um lado, são apresentadas como espaços alternativos e solidários, vinculados à agricultura familiar e à agroecologia. Por outro, sua consolidação prática revela dependência de um público com elevado capital cultural e renda média ou superior, bem como de suporte institucional contínuo.

Essa dependência pode ser parcialmente mitigada caso os produtores alcancem maior estabilidade produtiva e padronização técnica, reduzindo a necessidade de intervenções extensionistas permanentes. Alternativamente, mecanismos institucionais mais restritivos, como editais com critérios técnicos mais exigentes ou menor rotatividade de feirantes, podem elevar o padrão médio da oferta. Contudo, tais estratégias tendem a tensionar o caráter inclusivo das feiras, uma vez que a elevação das exigências pode restringir o acesso de agricultores em processo de transição produtiva. As feiras universitárias representam um local

de inclusão, extensão, autonomia produtiva e mediação institucional, mas sua sustentabilidade no longo prazo depende de como essas dimensões são negociadas no interior da universidade.

A literatura demonstra que as feiras universitárias são consolidadas como ferramentas de extensão e promoção da agricultura familiar e da segurança alimentar. Nesse sentido, compreender os arranjos institucionais que sustentam essas iniciativas torna-se fundamental para explicar sua permanência, expansão e capacidade de contribuir para a transformação dos sistemas alimentares locais.

Para Specht *et. al.* (2019), o evento ocorrer dentro das universidades constitui um diferencial, pois amplia o consumo e o contato do público jovem, que comumente não frequenta mercados locais e feiras tradicionais. Essas experiências durante o período acadêmico podem formar futuros consumidores que optem ou se interessem por esse modelo de comércio.

Além disso, o contato com as universidades contribui para a redução de problemas técnicos por meio do apoio de estudantes das ciências agrárias e orientadores em projetos de extensão, que auxiliam diretamente agricultores familiares em suas produções (Araújo *et al.*, 2020). Essas iniciativas também promovem melhorias produtivas, como maior eficiência no uso de água e energia, articulando extensão universitária, acesso a tecnologias e fortalecimento da segurança alimentar e nutricional em escala local (Soares; Silva, 2022).

Assim, as feiras livres organizadas por universidades federais configuram-se como espaços onde múltiplas dimensões se articulam: extensão rural e universitária, acesso a tecnologias, preservação de tradições e promoção da sustentabilidade. Tais iniciativas fomentam a valorização da qualidade nutricional e da segurança alimentar, além de funcionarem como ambientes essenciais de convivência e de produção cultural.

5. Considerações finais

A realização do mapeamento da literatura, permitiu alcançar o objetivo proposto de identificar e sistematizar as principais dimensões presentes nos estudos sobre feiras livres, feiras universitárias, circuitos curtos de comercialização e agricultura familiar. A análise evidenciou que esses arranjos desempenham funções que extrapolam o âmbito mercadológico, articulando aspectos sociais, culturais, ambientais e políticos que contribuem para a consolidação de territórios alimentares mais inclusivos, sustentáveis e enraizados nas práticas locais. Ao reunir e interpretar as contribuições empíricas dispersas na literatura, o

estudo oferece um panorama abrangente e crítico sobre as feiras como dispositivos multifuncionais de abastecimento, interação social e fortalecimento produtivo.

Os resultados reunidos permitem compreender a complexidade e relevância desses espaços para o desenvolvimento territorial e políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades socioeconômicas e valorização da agroecologia. Reafirmando a importância de aprofundar investigações sobre as dinâmicas e potencialidades das feiras, especialmente em contextos rurais, urbanos e universitários, onde esses arranjos assumem particular pertinência.

As universidades públicas são protagonistas na criação e fortalecimento de circuitos curtos de comercialização, pois criam feiras como instrumentos de extensão universitária, que conectam produção familiar, consumo consciente e educação cidadã.

Observou-se, também, que as feiras universitárias cumprem funções múltiplas: exercem papel econômico ao fortalecer a agricultura familiar e promover renda mais justa; desempenham função educativa ao transformar o espaço acadêmico em um laboratório vivo de sustentabilidade e gestão; assumem dimensão social ao incentivar a inclusão, a troca de saberes e a participação comunitária; e contribuem culturalmente ao resgatar práticas tradicionais e identidades territoriais.

Há convergência teórica e empírica entre os estudos sobre as feiras na universidade. Os artigos destacam fortemente o potencial da universidade como agente articulador entre ciência, sociedade e território. As feiras são descritas como espaços híbridos: de aprendizagem, resistência e inovação social. Os desafios estruturais e de gestão (logística, permanência, regulação) mostram que as feiras ainda precisam de políticas institucionais permanentes, não apenas ações pontuais de extensão.

Esses espaços não cumprem apenas uma função comercial, mas se consolidam como pontos estratégicos de educação, sustentabilidade, promoção da saúde e fortalecimento comunitário, articulando interesses e benefícios para consumidores, agricultores e instituições de ensino.

O mapeamento da literatura evidencia que as feiras universitárias atuam como instrumentos de extensão e promoção da agricultura familiar. Entretanto, sua permanência e estabilidade revelam que tais experiências configuram-se como mercados institucionalmente mediados, cuja continuidade depende da capacidade da universidade de conciliar apoio aos produtores, critérios técnicos e reconhecimento institucional.

Referências

- ARAÚJO, A. M.; RIBEIRO, E. M. Feiras, feirantes e abastecimento: uma revisão da bibliografia brasileira sobre comercialização nas feiras livres. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 26, n. 3, p. 561–583, 2018. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/ESA26-3_feiras_feirantes. Acesso em: 14 nov. 2025.
- ARAÚJO, C. T. V.; GONÇALVES, G. B.; DIAS, K. L. L. Feira Agroecológica da UFS: espaço para visibilidade e acesso à produtos da agricultura familiar de base ecológica para a população. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/5112>. Acesso em: 4 out. 2025.
- BARRETO, L. E.; MACENA, L. A.; BRAGA, D. T. O.; SILVA, N. S.; SILVEIRA, B. C.; ROCHA, D. S.; ALBUQUERQUE, G. R. Detection of *Toxoplasma gondii* in artisanal salted meat products sold in street markets of the Ilhéus-Itabuna microregion. **Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária**, v. 33, p. e020223, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpv/a/BxSsr8RzQSzFWChnVNx8NMt/?format=html&lang=en>. Acesso em: 10 out. 2025.
- BEIRÓ, C. F. F.; SILVA, M. C. Análise das condições de higiene na comercialização de alimentos em uma feira livre do Distrito Federal **Universitas: Ciências da Saúde**, v. 7, n. 1, p. 13–28, 2009. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/cienciasaude/article/view/883>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- BERALDO, K. A.; MENDONÇA, R. M. G.; MELO, J. A.; BRITO, S. C. D. Feira Agroecológica na Universidade Federal do Tocantins. In: Congresso Brasileiro De Agroecologia, v. 13, 2018, Brasília, **Anais eletrônicos** [...]. Brasília: Associação Brasileira de Agroecologia, 2018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/39>. Acesso em: 22 nov. 2025.
- BRASIL. Decreto-lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943. Aprova a Consolidação Das Leis Do Trabalho. **Lex: coletânea de legislação: edição federal**, 1943. Disponível em: https://www.planalto.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 2 set. 2025.
- BORGES, D. C. et al.. Social and ethnic-racial inequities of physical accessibility to famers' markets in Porto Alegre, Brazil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, n. 2, p. e09812023, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/wfwxj9cYDRbDOBC86j7xvgk/?lang=en>. Acesso em: 17 set. 2025.
- CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. Brasília: **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, jan. 1999. Disponível em: <http://repositorio.ipea.br/handle/11058/2651>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- CARVALHO, S. M.; BEZERRA, I.; RIGON, S. A.; CASSARINO, J. P. Feiras Orgânicas enquanto política de abastecimento alimentar e promoção da saúde: um estudo de caso. **Saúde em Debate**, v. 46, n. especial 2, p. 542–554, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/py7FSkCmpNGmBZw4yzNnhVc/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 2 set. 2025.

CARVALHO, F. F.; GROSSI, S. F. A importância das feiras livres e seus impactos na agricultura familiar. **Revista Interface Tecnológica**, v. 16, n. 2, p. 226-234, 2019. Disponível em: https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/pt_BR/article/view/665. Acesso em: 7 set. 2025.

COELHO, L.; CORCIOLI, G.; CRUZ, F. T.; SEGUNDO, C. B. S. Queijos e a inclusão da agricultura familiar em feiras livres de Goiânia, Goiás. **Interações**, Campo Grande, v. 26, p. e26134525, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/XbBHLJWzG65fZgmFxDHRHFt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2025.

COSTA, E. A.; RODRIGUES, A.; SOUZA, D. M.; FÉLIX, C. G. S.; PAULA, R. S.; FEIDEN, A. Perfil dos consumidores da feira de produtos de transição agroecológica na UFMS, In: Congresso Brasileiro De Agroecologia, 13, 2018, Corumbá, **Anais eletrônicos** [...]. Corumbá: Associação Brasileira de Agroecologia, 2018. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/21816> Acesso em: 18 nov. 2025.

COSTA, S. S. Feira de Santana e sua relação com a feira livre do centro: glória, declínio e resistência. **História**, São Paulo, v. 44, p. e20230042, 2025. Disponível em: www.scielo.br/j/his/a/sQJgrHyKJHLZcypgYhdh7qn/?format=html&lang=pt. Acesso em: 8 set. 2025.

CRUZ, M. S.; RIBEIRO, E. M.; PERONDI, M. A.; ARAUJO, A. M.; MALTEZ, M. A. P. da F. Comprando qualidade: costume, gosto e reciprocidade nas feiras livres do Vale do Jequitinhonha. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 60, p. e245926, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hxkmDxW7cnGyF6FmvQqxQTP/?lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2025.

CRUZ, M. S.; SCHNEIDER, S. Feiras alimentares e mercados territoriais: a estrutura e o funcionamento das instituições de ordenamento das trocas locais. **Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas**, v. 42, n. 1, p. 93-113, 2022. Disponível em: <https://raizes.revistas.ufcg.edu.br/index.php/raizes/article/view/769>. Acesso em: 8 jan. 2026.

DAROLT, M. R. A diversidade dos circuitos curtos de alimentos ecológicos: ensinamentos do caso brasileiro e francês. **Revista Agriculturas**, v. 10, n. 2, 2013. Disponível em: <https://aspta.org.br/files/2013/09/Revista-Agriculturas-V10N2-Artigo-1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2026.

DOMINGUES, M. H. B. Luiz De Castro Faria: Estudo antropológico pelas feiras da Bahia – 1949. **Revista de Antropologia**, v. 2, n. 2, 2021. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/guarima/article/view/3239> Acesso em: 6 fev. 2026.

GRILO, M. F.; MENEZES, C. DE .; DURAN, A. C.. Mapeamento de pântanos alimentares em Campinas, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 7, p. 2717–2728, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/8fGgBnnjyRBr8YG4qvBDVjp/?lang=pt> . Acesso em: 13 fev. 2026.

GRIMM, I. J.; SAMPAIO, C. C.; PROCOPICK, M. Encadeamento ecossocioeconômico e gestão urbana: um estudo das feiras livres na cidade de Curitiba (PR). **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/4884>. Acesso em: 22 jan. 2026.

GUEDES, A. C.; APARECIDA, A.; TOSTES, E. F.; LOPES, J. R. F. Gestão de empreendimentos rurais: a perspectiva de produtores e consumidores sobre a viabilidade de feiras livres no espaço universitário da UEMG – Unidade Ituiutaba. **Observatório De La Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 6, p. e5450, 2024. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/5450>. Acesso em: 18 nov. 2025.

GUIMARÃES, I.; NASCIMENTO, F.; GOMES, R. A prática na manipulação de alimentos em duas feiras livres de Belém, PA. **Higiene Alimentar**, v. 32, n. 01, p. 48-52, 2018. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/04/883092/276-277-site-48-52.pdf>. Acesso em: 15 set. 2026.

HELLEBRANDT, L. M.; RIBEIRO, R. T. A.; TAVARES, F. W.; MENASCHE, R. Feiras em tempos de pandemia: reflexões a partir de comida e risco. **Revista Wamon**, v. 6, n. 2, p. 41-54, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/pgdr/wp-content/uploads/2022/08/2022-Wamon-feiras-comida-risco-pandemia-luceni-renata-flor-renata.pdf>. Acesso em: 8 out. 2025.

HOBBSBAWM, E. J. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 532 p. ISBN 978-8577530991. Disponível em: <https://archive.org/details/HOBBSBAWMEric.AEraDasRevolues>. Acesso em: 22 fev. 2026.

IBDAIWI, T. K. R.; ROUBUSTE, L. S.; DORR, A. C.; BRAZ, M. M.; SIMON, M. Francisco. Entre o campo e a cidade: as feiras livres. In: SOUSA, J. S. (Ed.). **A Economia do Desenvolvimento: do crescimento econômico ao desenvolvimento sustentável**. 1. ed. [S.l.]: Editora Científica Digital, 2023. p. 100–116. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/221110816.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

JÚNIOR, N. N. G.; PINTO, H. S.; LEDA, L. C. Alimento e comida: sistema de abastecimento e consumo alimentar urbano. **Guaju: Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 61–76, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/guaju/article/view/46560>. Acesso em: 1 dez. 2025.

LIRA NETO, J. C. G.; GASPAR, M. W. G.; GASQUE, K. C. S.; ARAÚJO, M. F. M. Reflexos da pandemia de COVID-19 na venda de alimentos em feiras livres no Maciço de Baturité-CE. **Saúde em Debate**, v. 48, n. especial 1, p. e8573, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2358-28982024E18573P>. Acesso em: 1 ago. 2025.

MACIEL, R. F. C.I; RAPINI, M. S. Impacto da pandemia no cenário científico brasileiro. In: SEMINÁRIO DE DIAMANTINA, 19., 2022, Diamantina. **Anais eletrônicos** [...]. Diamantina: Seminário de Diamantina, 2022. Disponível em: https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2022/D19_203.pdf. Acesso em: 2 de dez. de 2025

MARSDEN, T.; BANKS, J; BRISTOW, G. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia Ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000. Disponível em: <https://people.duke.edu/~rcd2/Dissertation/last/fulltebxt.pdf> Acesso em: 18 nov. 2025.

MATOS J. C.; BENVINDO L.R.S.; SILVA T. O.; CARVALHO L. M. F. Condições higiênicas sanitárias de feiras livres: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Gestão e Saúde**, v. 6, n. 3, p. 2884–2893, 2015. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/3281>. Acesso em: 23 nov. 2025.

MENEZES, S. S. M. **Vamos às feiras! Cultura e ressignificação dos circuitos curtos.**

Aracaju, SE: Adilma Menezes Oliveira ME, Fantasia: Criação Editora, 2021. Disponível em: <https://editoracriacao.com.br/wp-content/uploads/2021/08/feirassite.pdf>. Acesso em 22 nov. 2025.

MENEZES, S. S. M.; ALMEIDA, M. G. de. Pamonha, alimento identitário e territorialidade. **Mercator**, Fortaleza, v. 20, p. e20002, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mercator/a/QsQ363BDFXBKSq3nJ7mwGfw/?lang=pt>. Acesso em: 4 nov. 2025.

MORAIS, I. R. D.; ARAÚJO, M. A. A. de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 17, p. 244–249, 2006.

DOI: 10.14393/RCG71715406. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406>. Acesso em: 1 dez. 2025.

NORA, F. D.; ZANINI, M. C. A feira como um espaço de sociabilidade. **Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 135-154, 2015. Disponível em:

<https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/185>. Acesso em: 20 fev. 2026.

PADILHA, A. F.; GODOY, C. M. T.; VARGAS, T. de O.; CAMPOS, J. R. da R. Princípios e práticas agroecológicos: um estudo sobre a Feira de Produtos Orgânicos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco. **Ambiência**, [S.l.], v. 15, n. 3, p. 600-610, 2021. ISSN 2175-9405. Disponível em:

<<https://revistas.unicentro.br/index.php/ambiencia/article/view/6032>>. Acesso em: 01 dez. 2025.

PIMENTEL, K.; CARVALHO, F.; COSTA, B. L. Comunicação e agroecologia nos circuitos curtos de comercialização. In: Congresso Brasileiro De Agroecologia, 20., 2024, Rio de Janeiro, **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Agroecologia, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/7550>. Acesso em: 1 dez. 2025.

PORTO, G. Origem, permanência e significados das feiras livres no início do século XXI. **Anekumene**, [S. l.], v. 15, n. 21, p. 42–51, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.upn.edu.co/items/2d58e2d2-26aa-4dc0-99b8-3070e08ae9e3> Acesso em: 1 dez. 2025.

POULAIN, J.-P. **Sociologia da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar.**

Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2004. 310 p. Disponível em:

https://www.academia.edu/28265035/Sociologias_da_Alimenta%C3%A7%C3%A3o_de_Jean_Pierre_Poulain. Acesso em: 1 set. 2025.

POZZEBON, L.; RAMBO, A. G.; GAZOLLA, M. As cadeias curtas das feiras coloniais e agroecológicas: autoconsumo e segurança alimentar e nutricional. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 16, n. 42, p. 405–441, 2017. DOI: 10.21527/2237-6453.2018.42.405-441. Disponível em:

<https://revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/6057>. Acesso em: 13 dez. 2025.

RAMOS, M. L. Feira agroecológica da Universidade Federal De Minas Gerais: Uma contribuição para divulgação e participação dos produtores rurais e urbanos da região metropolitana de Belo Horizonte no sistema participativo de garantia. **Revista Tocantinense**

de Geografia, [S. l.], v. 11, n. 23, p. 203–214, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/geografia/article/view/11944>. Acesso em: 15 dez. 2025.

ROCHA, L. F. N., RODRIGUES, S. S., SANTOS, T. B., PEREIRA, M. F., RODRIGUES, J. Detection of enteroparasites in foliar vegetables commercialized in street and supermarkets in Aparecida de Goiânia, Goiás, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, v. 82, p. e245368, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bjb/a/4XCvhFpztLJdyKjG6zMhzt/?format=html&lang=en> Acesso em: 1 set. 2025.

SATO, L. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia e Sociedade**, v. 19, p. 95–102, 2007, Associação Brasileira de Psicologia Social. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400013> Acesso em: 1 dez. 2025.

SESSO FILHO, U. A. **O setor supermercadista no Brasil nos anos 1990**. 2003. Tese (Doutorado em Economia Aplicada), Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2003. doi:10.11606/T.11.2003.tde-11072003-140924. Disponível em:

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_e88458173a27b06eb9f00fc3e214bb4d Acesso em: 15 dez. 2025.

SILVA, M. N.; CECCONELLO, S. T.; ALTEMBURG, S. G. N.; SILVA, F. N.; BECKER, C. A agricultura familiar e os circuitos curtos de comercialização de alimentos: estudo de caso da feira livre do município de Jaguarão, RS, Brasil, **Revista Espacios**. v. 38, n. 47, p. 7–20, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n47/a17v38n47p07.pdf> Acesso em: 11 nov. 2025.

SILVA, Y. F.; CUNHA-LIMA, F. B.; FARIAS, I. S. Feiras de alimentos: espaço de memória e desenvolvimento local no Algarve. **TURYDES Turismo y Desarrollo Local Sostenible**, [S. l.], v. 11, n. 25, 2018. Disponível em:

<https://revistaturydes.com/index.php/turydes/article/view/1431>. Acesso em: 13 out. 2025.

SILVEIRA, M. L. R.; BERTAGNOLLI, S. M. M.. Avaliação da qualidade do leite cru comercializado informalmente em feiras livres no município de Santa Maria-RS. **Vigilância Sanitária em Debate**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 75–80, 2014. DOI: [10.3395/vd.v2n2.135](https://doi.org/10.3395/vd.v2n2.135). Disponível em:

<https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/135>. Acesso em: 17 dez. 2025.

SOARES, H. M.; SILVA, T. N. FEW Nexus e sustentabilidade na agricultura familiar: um estudo de caso na PoliFeira da UFSM. **Desenvolvimento em Questão**, [S. l.], v. 20, n. 58, p. e12065, 2022. DOI: 10.21527/2237-6453.2022.58.12065. Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/12065>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SPECHT, S., BLUME, R., ENDE, M. V., SOUZA, M. T. M. É dia de fazer feira na Universidade: análise do perfil do consumidor da Polifeira. **Redes**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 183–197, 2019. DOI: 10.17058/redes.v24i3.14124. Disponível em:

<https://seer.unisc.br/index.php/redes/article/view/14124>. Acesso em: 1 dez. 2025.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jun. 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/C7cdWKqZSyDDcgbphcRWhvg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2025.

XAVIER, G. J. Q.; SANTOS, A. P. S.; LUCENA, T. C.; SILVA, E. I. O papel da extensão universitária na inclusão científica: um estudo de caso com consumidores e agricultores em uma feira agroecológica de João Pessoa – PB. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGROECOLOGIA, 12., 2024, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Agroecologia, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/5473>. Acesso em: 21 ago. 2025.